

**O DISCURSO DA ORGANIZAÇÃO *ATOMWAFFEN DIVISION* (DIVISÃO DE ARMAS NUCLEARES) SOB A ABORDAGEM DA METALINGÜÍSTICA E DA CRIMINOLOGIA CULTURAL****THE SPEECH OF THE ATOMWAFFE DIVISION (DIVISÃO DE ARMAS NUCLEARES) ORGANIZATION UNDER THE APPROACH OF METALINGUISTICS AND CULTURAL CRIMINOLOGY****EL DISCURSO DE LA ORGANIZACIÓN DIVISIÓN DE ARMAS NUCLEARES (DIVISÃO DE ARMAS NUCLEARES) BAJO EL ENFOQUE DE LA METALINGÜÍSTICA Y LA CRIMINOLOGÍA CULTURAL**Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues<sup>1</sup>**RESUMO**

Fundada em 2013 por Brandon Clint Russell, a Divisão de Armas Nucleares é uma organização aceleracionista, cujo discurso é parte de uma subcultura neonazista. Cada enunciado opera, discursivamente, pela estética paramilitar e pela doutrinação racista, ressignificando o ódio em missão voltada à eliminação do outro visto como ameaça. O objetivo é analisar três enunciados publicados na página oficial dessa organização, com a finalidade de compreender como (re)produzem, em discurso, avaliações e sentidos que firmam coesão interna e pertencimento subcultural. O aporte teórico propõe um diálogo interdisciplinar entre a Metalingüística e a Criminologia Cultural Brasileira, porque o fenômeno criminoso, nesta proposta, é concebido como ato de linguagem que se organiza em gêneros do discurso que integram a subcultura de terror neonazista. A metodologia é planejada na seleção de um enunciado verbal e dois visuais com estes critérios: 1) apologia ao nazifascismo; 2) exaltação do paramilitarismo; 3) atualidade histórica. Os resultados integrais permitem compreender que, na escolha de signos como a suástica, a farda, o nacional-socialismo, o soldado, a máscara de caveira, os enunciados cumprem uma função social de estabelecer coesão interna e pertencimento subcultural por entre os membros da organização, uma vez que ressignificam a violência como dever moral e a destruição do outro como missão heroica. Observando isso, nesse universo de avaliações e sentidos, a organização preconiza e legitima a aceleração do colapso civilizacional.

**Palavras-chave:** Metalingüística; Criminologia Cultural Brasileira; Divisão de Armas Nucleares; Neonazismo.

**ABSTRACT**

Founded in 2013 by Brandon Clint Russell, the Nuclear Weapons Division is an accelerationist organization whose discourse is part of a neo-Nazi subculture. Each statement operates discursively through paramilitary aesthetics and racist indoctrination, reinterpreting hatred in a mission aimed at eliminating the other seen as a threat. The objective is to analyze three statements published on the organization's official page, in order to understand how they (re)produce, in discourse, evaluations and meanings that establish internal cohesion and

<sup>1</sup> Doutorando em Letras na área de concentração em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (PPGLetras/FURG). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9695-229X>. E-mail: [rodmaf2@gmail.com](mailto:rodmaf2@gmail.com).

subcultural belonging. The theoretical framework proposes an interdisciplinary dialogue between Metalinguistics and Brazilian Cultural Criminology, because the criminal phenomenon, in this proposal, is conceived as an act of language that is organized into genres of discourse that integrate the neo-Nazi terror subculture. The methodology is planned in the selection of one verbal and two visual statements with these criteria: 1) apology for Nazism/Fascism; 2) exaltation of paramilitarism; 3) historical relevance. The comprehensive results allow us to understand that, in choosing symbols such as the swastika, the uniform, National Socialism, the soldier, and the skull mask, the statements fulfill a social function: establishing internal cohesion and subcultural belonging among the organization's members, since they re-signify violence as a moral duty and the destruction of the other as a heroic mission. Observing this, within this universe of evaluations and meanings, the organization advocates and legitimizes the acceleration of civilizational collapse.

**Keywords:** Metalinguistics; Brazilian Cultural Criminology; Atomwaffen Division; Neo-Nazism.

## RESUMEN

Fundada en 2013 por Brandon Clint Russell, la División de Armas Nucleares es una organización aceleracionista cuyo discurso se inscribe dentro de una subcultura neonazi. Cada declaración opera discursivamente a través de la estética paramilitar y el adoctrinamiento racista, reinterpretando el odio en una misión dirigida a eliminar al otro percibido como una amenaza. El objetivo es analizar tres declaraciones publicadas en la página oficial de la organización, para comprender cómo (re)producen, en el discurso, evaluaciones y significados que establecen cohesión interna y pertenencia subcultural. El marco teórico propone un diálogo interdisciplinario entre la Metalingüística y la Criminología Cultural Brasileña, dado que el fenómeno criminal, en esta propuesta, se concibe como un acto de lenguaje organizado en géneros discursivos que integran la subcultura del terror neonazi. La metodología se centra en la selección de una declaración verbal y dos visuales con los siguientes criterios: 1) apología del nazismo/fascismo; 2) exaltación del paramilitarismo; 3) relevancia histórica. Los resultados integrales nos permiten comprender que, al elegir símbolos como la esvástica, el uniforme, el nacionalsocialismo, el soldado y la máscara de calavera, las declaraciones cumplen una función social: establecer cohesión interna y pertenencia subcultural entre los miembros de la organización, ya que resignifican la violencia como un deber moral y la destrucción del otro como una misión heroica. Al observar esto, dentro de este universo de valoraciones y significados, la organización aboga y legitima la aceleración del colapso civilizacional.

**Palabras clave:** Metalingüística; Criminología Cultural Brasileña; División de Armas Nucleares; Neonazismo.

## INTRODUÇÃO

Em 20 de agosto e 18 de outubro de 2025, o ativista político, negro e pernambucano Jones Manoel<sup>1</sup> foi alvo de ameaças racistas e políticas atribuídas a uma ramificação brasileira da organização estadunidense Divisão de Armas Nucleares. Essas ameaças reproduziam o discurso extremista e racialmente violento típico da subcultura neonazista, na qual o ódio se manifestava como signo de pertencimento e identitário. Segundo França (2025), o locutor afirmava, nos ataques organizados em outubro, que o

Brasil seria um “narcoestado” repleto de pessoas “inferiores” e o ativista seria um “negrinho” e “macaco feio” que ele “mexeu com fogo” que a organização teria “a operação extremamente protegida e bem reforçada”.

Essa organização aceleracionista<sup>2</sup> foi oficializada em 2013 por Brandon Clint Russell, um neonazista que, conforme Hellgren (2025), foi condenado a 20 anos de prisão em 7 de agosto de 2025 por planejar ataques a cinco subestações da *Baltimore Gas and Electric* (BGE), nos Estados Unidos da América. Em um fórum supremacista branco chamado *Iron March* (Marcha de Ferro), ele era conhecido como “Odin”, porque, enquanto deus nórdico ligado à guerra e à morte, expressa uma identificação com o discurso ariano de pureza racial e ancestralidade sagrada nessa subcultura.

Em sua pesquisa, no campo da análise do discurso, Rodrigues (2023a, 2023b, 2024a, 2024b, 2025), Rodrigues e Nascimento (2023), Rodrigues e Rosa (2021, 2023) evidenciam um processo de recrutamento massivo de associações e organizações neonazistas em níveis regional, nacional e internacional, sustentado por discursos de conspiração de um suposto genocídio branco, subversão sexual de crianças, degeneração moral da nação, corrupção das instituições democráticas e a infiltração judaico-globalista no poder estatal. Cada enunciado da comunicação discursiva das organizações neonazistas incita o interlocutor a uma guerra, em que o ódio é legitimado como missão.

O objetivo é analisar três enunciados publicados na página oficial da Divisão de Armas Nucleares, com a finalidade de compreender como (re)produzem, em discurso, avaliações e sentidos que firmam coesão interna e pertencimento subcultural. Além disso, a justificativa, para esta proposta, orienta-se em duas razões: 1) a ocorrência de ataques racistas e políticos direcionados ao ativista Jones Manoel; 2) a instalação de uma ramificação brasileira dessa organização estadunidense, fato que demonstra a internacionalização de discursos, valores e signos de uma subcultura neonazista, cuja linguagem é meio de recrutamento, identidade e pertencimento.

O aporte teórico propõe um diálogo interdisciplinar entre a Metalinguística e a Criminologia Cultural Brasileira. Para uma análise metalinguística do discurso, recorre-se a Bakhtin (2018), Medviédev (2016) e Volóchinov (2018, 2019), porque contribuem com categorias como relações dialógicas, enunciado, avaliação e signo ideológico. Para uma análise criminológica da cultura, recorre-se a Khaled Jr. e Dimou (2022), Khaled Jr., Linck e Carvalho (2022), Rocha (2013) e Rocha e Silva (2014), já que contribuem com a compreensão do crime em níveis micro, meso e macro. Nessa perspectiva, o

fenômeno criminoso é concebido, nesta proposta, como ato de linguagem, estruturado nos gêneros do discurso propaganda de recrutamento – Figura 1: Propaganda de guerra e Figura 2: Os soldados – e manifesto – Tabela 1: O radical que grava seu lugar na história –, parte de uma subcultura de terror neonazista.

A metodologia é estruturada na seleção de dois enunciados visuais e um verbal a partir destes critérios: 1) apologia ao nazifascismo; 2) exaltação do paramilitarismo; 3) atualidade histórica. Priorizam-se postagens que, explicitamente, promovem uma ideologia extremista e aceleracionista, pois esses enunciados constituem a visão de mundo e os valores axiológicos dos membros da subcultura. Além disso, essas postagens valorizam práticas paramilitares, armas e estratégias de combate, visto que esses elementos operam como signos de pertencimento e poder na contemporaneidade.

Para finalizar esta introdução, apresenta-se a estrutura do artigo para além da Introdução e da Conclusão. A discussão teórica divide-se em duas partes: “Os fundamentos da Metalinguística: relações dialógicas, enunciado e avaliações sociais” e “Os fundamentos da Criminologia Cultural Brasileira: experiência, subcultura e estrutura social”. O desenho metodológico é exposto na seção “Metodologia na investigação, denúncia e estudo de associações e organizações neonazistas no campo digital”. A aplicação desses referenciais na análise do corpus culmina na seção “Aceleração do colapso civilizacional: uma análise metalinguística e criminológica da cultura da Divisão de Armas Nucleares”.

## **OS FUNDAMENTOS DA METALINGUÍSTICA: RELAÇÕES DIALÓGICAS, ENUNCIADO E AVALIAÇÕES SOCIAIS**

Bakhtin (2018, p. 207) propõe a “Metalinguística” como um campo de estudo voltado aos aspectos concretos, ideológicos e intersubjetivos do discurso, distinguindo-a da Linguística, que se ocupa da língua como sistema abstrato. O autor enfatiza que o objeto da Metalinguística é o discurso em sua integralidade viva, isto é, “[...] a língua em sua integralidade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (Bakhtin, 2018, p. 207).

Essa distinção, porém, não implica oposição, mas complementaridade entre as duas disciplinas. Bakhtin (2018, p. 207) observa que a Linguística e a Metalinguística “[...] estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão”.

Enquanto a primeira analisa a estrutura interna da língua, a segunda investiga o modo como os enunciados se realizam nas interações sociais, atravessados por avaliações sociais, ideologias e posições de sujeitos. O teórico russo ressalta que os aspectos abstraídos pela Linguística são justamente os que têm “[...] importância primordial para os nossos fins” (Bakhtin, 2018, p. 207). Assim, suas análises “[...] não são linguísticas no sentido rigoroso do termo”, mas se situam “[...] na metalinguística, subentendendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística” (Bakhtin, 2018, p. 207).

Nessa direção, Bakhtin (2018, p. 208) define as relações dialógicas<sup>3</sup> como objeto central da Metalinguística: “As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da metalinguística”. Enquanto a Linguística se concentra no sistema, a Metalinguística compreende as relações dialógicas como extralinguísticas, ainda que inseparáveis do campo do discurso, “[...] ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto” (Bakhtin, 2018, p. 209). A Linguística estuda a língua como condição de possibilidade da comunicação, mas abstrai as relações dialógicas que se situam no campo do discurso e, por isso, devem ser estudadas pela metalinguística que supera os limites da Linguística (Bakhtin, 2018).

Ao refletir que as relações dialógicas são irreduzíveis às relações lógicas ou semânticas, Bakhtin (2018, p. 209) destaca que elas “[...] devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas”. Dessa forma, a Metalinguística concebe o discurso como prática social e ideológica, permitindo compreender como os enunciados expressam valores sociais e sentidos.

Bakhtin (2018) amplia essa concepção ao afirmar que as relações dialógicas não se limitam aos enunciados integrais, podendo manifestar-se em qualquer parte significativa do enunciado – até mesmo em uma palavra isolada – desde que esta seja compreendida como signo da posição semântica de um outro. Assim, o enfoque dialógico pode revelar a presença da alteridade no interior da própria palavra quando nela se faz ouvir a voz do outro. As relações dialógicas, portanto, “[...] podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada, se nela se chocam dialogicamente duas vozes” (Bakhtin, 2018, p. 210-211), o que amplia a compreensão da linguagem como espaço de encontro e tensão entre sujeitos.

Se Bakhtin (2018) oferece o fundamento dialógico da Metalinguística, Medviédev (2016) a expande ao incorporar a avaliação social como princípio que confere ao enunciado sua atualidade histórica e sua presença concreta no aqui e agora da comunicação discursiva. O autor define: “[...] iremos chamar de avaliação social justamente essa atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e a plenitude do seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora” (Medviédev, 2016, p. 184). Cada enunciado é, assim, indissociável do contexto social que o produz, sendo a avaliação social o elemento que orienta a escolha dos objetos e das palavras, bem como a maneira como esses elementos se combinam e adquirem significação.

Medviédev (2016) explica que a avaliação social atravessa todo o enunciado, manifestando-se mais nitidamente na entonação expressiva, responsável por conferir valor às palavras. Diferentemente da entonação sintática – mais estável e formal –, a entonação expressiva reflete a singularidade histórica e emocional do discurso. “A palavra torna-se um material do enunciado apenas como expressão da avaliação social. Por isso, a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros” (Medviédev, 2016, p. 185). Dessa forma, o enunciado é o produto vivo da interação social, no qual as palavras carregam o peso de avaliações e experiências coletivas. Assim, “[...] a avaliação social determina o fenômeno histórico vivo, o enunciado, tanto do ponto de vista das formas linguísticas selecionadas quanto do ponto de vista do sentido escolhido” (Medviédev, 2016, p. 189).

Por sua vez, Volóchinov (2019) aprofunda a dimensão social da linguagem ao compreender o enunciado como a unidade real do discurso. “A essência real da língua é o acontecimento social da interação discursiva, realizada em um ou muitos enunciados” (Volóchinov, 2019, p. 268). O enunciado é, portanto, uma totalidade semântica situada, resultado de uma situação comunicativa concreta que envolve falantes, ouvintes e contextos históricos. A situação, segundo o autor, é “[...] a realização efetiva, na vida real, das diferentes formações ou variedades da comunicação social” (Volóchinov, 2019, p. 269), e inclui tanto o verbal quanto o subentendido e o extraverbal. O auditório, presente ou presumido, é constitutivo do enunciado, pois este só existe na relação dialógica com o outro: “Habitualmente, respondemos a todo enunciado do interlocutor, se não com palavras, ao menos com gestos [...] toda comunicação ou interação discursiva ocorre na forma de uma troca de enunciados, isto é, na forma de um diálogo” (Volóchinov, 2019, p. 272).



Essa orientação social do enunciado, que organiza sua forma e seu conteúdo, é acompanhada pela necessidade de uma expressão material – seja palavra, gesto ou visual –, pois “[...] não há enunciado nem vivência fora da expressão material” (Volóchinov, 2019, p. 286). Desse modo, o enunciado é o espaço onde o dito e o não dito, o verbal e o extraverbal, a voz e o silêncio se encontram, sustentados por um horizonte semântico compartilhado entre interlocutores, sem o qual “[...] torna-se impossível compreender o sentido global do enunciado” (Volóchinov, 2019, p. 119).

Em Volóchinov (2018), a categoria de signo ideológico complementa o quadro teórico da Metalinguística. Para o autor, onde há signo, há também ideologia, pois toda manifestação semiótica – palavra, imagem ou gesto – reflete e refrata valores sociais. Os signos não são neutros: constituem arenas de conflito e negociação entre forças sociais. Cada um reflete significados do campo da língua e refrata sentidos do campo do discurso (Volóchinov, 2018).

Finalmente, a avaliação social, o signo ideológico e o enunciado articulam-se como categorias da Metalinguística. Em conjunto, permitem compreender a linguagem como prática social e histórica, permeada por valores e orientada para o outro – o que faz da análise metalinguística uma abordagem para investigar discursos de conflito axiológico: neles, o enunciado não apenas reflete tensões sociais, mas as refrata, tornando a linguagem em prática simbólica de poder.

## **OS FUNDAMENTOS DA CRIMINOLOGIA CULTURAL BRASILEIRA: EXPERIÊNCIA, SUBCULTURA E ESTRUTURA SOCIAL**

A Criminologia Cultural surgiu como uma crítica às abordagens criminológicas tradicionais que tendem a reproduzir o status quo e a reforçar a ideologia penal dominante<sup>4</sup>. Conforme afirmam Khaled Jr. e Dimou (2022, p. 71), a Criminologia Cultural se desenvolve “[...] como uma reação às abordagens criminológicas estabelecidas internacionalmente que moldam e reproduzem o status quo, reforçando agendas punitivas e perpetuando os entendimentos convencionais sobre o crime e seu controle”. Essa reação marca o ponto de partida de uma virada interpretativa que busca compreender o crime não apenas como violação do direito penal, mas como fenômeno simbólico, histórico e cultural. Assim, o crime deixa de ser tratado como simples fato jurídico ou patologia social e passa a ser visto como prática dotada de sentido, emoção e estética, inscrita nas dinâmicas (sub)culturais da vida cotidiana.

Nesse sentido, a Criminologia Cultural propõe que “[...] o crime é construído pelo poder do Estado, empresários morais, mídia, ‘especialistas’ e autoridades legais [...] impondo seus próprios significados e interpretações sobre o crime” (Khaled Jr., Dimou, 2022, p. 77). Essa construção simbólica, socialmente mediada, é aceita por amplos setores do público, o que consolida percepções hegemônicas sobre desvio e criminalidade. Além disso, o campo cultural da criminalização é influenciado pelos chamados “pânicos morais”, ou seja, reações coletivas exageradas diante de determinados comportamentos que “[...] influenciam a demanda por mais aplicação da lei e políticas punitivas” (Khaled Jr., Dimou, 2022, p. 78). Essa lógica alimenta a seletividade penal<sup>5</sup> e legitima práticas repressivas baseados em discursos midiáticos e estereótipos sociais.

A Criminologia Cultural, entretanto, não se limita à crítica da punição: ela enfatiza a necessidade de um “[...] arcabouço teórico e metodológico capacitado para a resistência ao avanço do arbítrio punitivo, que tristemente caracteriza a operacionalidade seletiva e, sobretudo, racista do sistema penal na realidade periférica” (Khaled Jr., Linck, Carvalho, 2022, p. 150). Essa abordagem brasileira da CC, portanto, contextualiza a análise do crime considerando a colonialidade, do racismo estrutural e das desigualdades periféricas, articulando-a com a crítica social e com a defesa dos direitos humanos.

Os criminologistas culturais afirmam que “[...] o crime e o controle do crime operam como processos culturais, cujos significados e consequências inevitavelmente são construídos no campo dos símbolos compartilhados e das interpretações coletivas” (Khaled Jr., Linck, Carvalho, 2022, p. 150). Essa concepção desloca o foco da criminologia tradicional, centrada em causas individuais ou estruturais, para uma abordagem que considera o crime como uma linguagem simbólica, uma forma de comunicação social. Assim, o comportamento desviante e a reação social são compreendidos como fenômenos mutuamente constitutivos, inscritos em uma rede de significações, emoções e representações.

A análise cultural do crime, segundo Khaled Jr., Linck e Carvalho (2022), deve ocorrer em três níveis interdependentes: o micro, referente ao plano existencial e às emoções, performances e desejos envolvidos no ato criminoso; o meso, que abarca as subculturas, suas hierarquias, símbolos e dinâmicas de transgressão aprendida; e o macro, que compreende as estruturas sociais mais amplas, como o sistema penal, o capitalismo global e as desigualdades de classe e raça. A articulação entre esses três



planos evita uma visão reducionista e permite apreender o crime como fenômeno complexo, no qual dimensões simbólicas, afetivas e estruturais se entrelaçam.

Essa leitura multiescalar encontra respaldo em Rocha e Silva (2014) que sublinham a relevância do componente emocional do crime. Para os autores, “[...] explicações da criminalidade que enfatizam fatores estruturais, ambientais, genéticos ou de escolha racional ignoram outros elementos componentes do crime, tais quais as emoções individuais do infrator e o que chamamos de ‘primeiro plano’ criminoso” (Rocha, Silva, 2014, p. 267-268). Essa ênfase nas emoções – como humilhação, indignação e vingança – parte do crime como uma experiência vivida, carregada de sentido simbólico e afetivo. Mesmo quando condicionadas por desigualdades estruturais, as ações criminosas expressam desejos, estilos e resistências culturais.

No mesmo sentido, Rocha (2013, p. 122) reforça que a Criminologia Cultural “[...] trata de colocar o crime em seu contexto cultural, o que implica em ver tanto o crime como as organizações de controle como produtos culturais”. Assim, o delito não pode ser dissociado das representações, valores e práticas que o cercam. O autor observa ainda que “[...] muitas das formas do crime emergem de subculturas, moldadas por convenções sociais de significado, simbolismo e estilo” (Rocha, 2013, p. 124), e que essas subculturas devolvem à coletividade experiências e emoções que reforçam identidades marginalizadas. Esses grupos produzem signos linguísticos, visuais e gestuais próprios, constituindo uma estética subcultural que comunica pertencimento e resistência.

Rocha (2013, p. 127) distingue, ademais, entre “emoções morais” – como arrogância, humilhação e desejo de vingança – e “condições materiais” – gênero, classe e etnia – como fatores interligados na gênese do crime. Essa distinção permite compreender o ato criminoso como expressão simultaneamente simbólica e material: uma performance carregada de valores morais e marcada pelas tensões sociais que atravessam o sujeito. Em contextos subculturais, “[...] os participantes aprendem o significado do seu comportamento pela interação com outros [...] desenvolvem distintas estruturas linguísticas e simbólicas: códigos específicos, imagens e estilos, pelos quais comunicar e entender suas experiências” (Rocha, 2013, p. 128).

Em suma, a Criminologia Cultural Brasileira consolida-se como uma abordagem crítica, intervencionista e sensível à dimensão simbólica do crime. Ela reconhece o ato criminoso como manifestação cultural e comunicativa, produto das condições materiais e emocionais de existência, mas também como performance de resistência e expressão

identitária. Ao articular emoção, estética, poder e desigualdade, essa abordagem propõe um olhar mais complexo e humanizado sobre o fenômeno criminal, revelando-o como uma tentativa simbólica de recuperar visibilidade, reconhecimento e poder em contextos marcados pela exclusão e pela violência estrutural.

## **METODOLOGIA NA INVESTIGAÇÃO, DENÚNCIA E ESTUDO DE ASSOCIAÇÕES E ORGANIZAÇÕES NEONAZISTAS NO CAMPO DIGITAL**

A presente pesquisa adota procedimentos oriundos das pesquisas de Rodrigues (2023a, 2023b, 2024a, 2024b, 2025), Rodrigues e Nascimento (2023), Rodrigues e Rosa (2021, 2023) na investigação de associações e organizações neonazistas em nível regional, nacional e internacional no campo digital. O percurso investigativo teve início em 2021 com a observação da organização Divisão de Armas Nucleares.

Todo o acesso à página oficial foi registrado em vídeo pelo software *OBS Studio*, permitindo revisão detalhada posterior. Paralelamente, foram realizadas anotações em caderno de campo, especialmente de símbolos recorrentes. Dada a natureza extremista do material, foi encaminhada uma denúncia a um órgão de monitoramento do extremismo digital, como a *SaferNet*.

A página oficial da Divisão de Armas Nucleares apresenta fundo escuro e uma estrutura organizada pelas abas **Home**, **Quem somos nós?**, **Propaganda**, **Junte-se a nós** e **AWDTv**. Na aba **Home**, o enunciado inicial expressa a orientação ideológica aceleracionista da organização, articulando o nazismo à ideia de corrupção moral e decadência do Ocidente. Já em **Quem somos nós**, o enunciado narra a trajetória e os princípios do grupo, exaltando suas ações e sua doutrina, acompanhados de um enunciado visual que representa os membros como soldados armados – imagem que reforça a estética militar e a identidade paramilitar do movimento.

Na aba **Propaganda**, destaca-se um enunciado visual composto por um integrante mascarado com símbolo da suástica, diante de uma explosão nuclear, signo central do ideário de destruição e purificação racial. A aba **Junte-se a nós** funciona como formulário de recrutamento, apresentando leituras obrigatórias como *Mein Kampf* e *Siège*, além de campos para preenchimento de dados pessoais (nome, e-mail, idade, origem racial, ideologia e histórico de afiliações). As perguntas sobre motivação para o ingresso e distinção da organização em relação a outros grupos reforçam o caráter seletivo e identitário do processo. A aba **AWDTv**, por sua vez, apresentava falhas de funcionamento no momento da análise.

O interesse na investigação foi renovado diante dos ataques direcionados ao ativista Jones Manoel, evidenciando a persistência da organização e a adaptação de seus discursos a contextos nacionais. Para acessar a *Surface Web* e a *Dark Web*, utilizou-se o navegador Tor, garantindo anonimato e proteção do IP.

A seleção das postagens analisadas considerou critérios específicos que asseguram a relevância e representatividade do material estudado:

1. Apologia ao nazifascismo – inclusão de enunciados que explicitamente promovem ideologias neonazistas e supremacistas, evidenciando valores axiológicos e visões de mundo do grupo.
2. Exaltação do paramilitarismo – presença de elementos que reforçam práticas de treinamento, armas e disciplina militar, característicos da subcultura violenta do grupo.
3. Atualidade histórica – postagens que, em seu contexto, dialogam com eventos recentes, como ataques, garantindo a pertinência temporal e social da análise.

Após a seleção das postagens, iniciou-se o processo de análise metalinguística do discurso, observando a produção de sentidos na interação discursiva. Paralelamente, a análise criminológica cultural considerou o crime como fenômeno simbólico, observando a constituição de subculturas ilícitas e a dimensão afetivo-performativa do engajamento dos membros. Dessa forma, a metodologia interdisciplinar combina o estudo da linguagem e do crime para compreender a produção de sentidos e legitimação da violência.

## **ACELERAÇÃO DO COLAPSO CIVILIZACIONAL: UMA ANÁLISE METALINGUÍSTICA E CRIMINOLÓGICA DA CULTURA DA DIVISÃO DE ARMAS NUCLEARES**

Nesta seção, analisam-se os enunciados escolhidos em razão do objetivo escolhido: “analisar três enunciados publicados na página oficial dessa organização, com a finalidade de compreender como (re)produzem, em discurso, avaliações e sentidos que firmam coesão interna e pertencimento subcultural”. Em função disso, vejam-se as figuras a seguir:

Figura 1: Propaganda de guerra

Figura 2: Os soldados



Fonte: Divisão de Armas Nucleares, 2021



Fonte: Divisão de Armas Nucleares, 2021

As Figura 1: Propaganda de guerra e Figura 2: Os soldados funcionam como enunciados visuais para a constituição da identidade dessa organização neonazista. Em ambos, os membros são representados como soldados de uma guerra racial partindo de determinados signos, tais como: a máscara de caveira que refrata a tradição da SS (*Schutzstaffel*, Tropa de Proteção) e a estética contemporânea de massacres; a suástica que refrata o nazismo; a bomba nuclear, elevando o projeto de poder do grupo a uma escala de destruição total; e as armas, encenando a disposição paramilitar e a virilidade violenta.

A Figura 1, pela abordagem da Metalinguística, opera como um enunciado, cujos valores axiológicos se relacionam à exaltação de um projeto de poder aniquilador. A bomba nuclear, coroada pela suástica, vai além de um simples símbolo de destruição, porque materializa um desejo de purificação racial e política em escala total, uma “solução” de recomeço civilizatório. Isso dialoga com a performance do “soldado”: não um militar de um Estado, mas um militante de uma causa étnica que se arvora a defender uma suposta pureza mediante a violência paramilitar. A máscara de caveira, por sua vez, torna o sujeito parte de uma identidade.

Pela abordagem da Criminologia Cultural, ao se considerar a subcultura, a emoção de ódio racial é ressignificada para um desejo de vingança e superioridade. Essa imagem faz algo: produz adrenalina, pertencimento grupal e identidade baseada na transgressão e no poder. A máscara e o anonimato são fundamentais para isso, pois permitem que o sujeito experimente o poder da violência sem a responsabilidade da identidade civil.

Essa performance é inextricavelmente ligada à estrutura social mais ampla. A adoção de signos como a suástica e a bomba nuclear demonstra uma tentativa de se conectar a uma crença histórica de supremacia e a um projeto global de poder. O enunciado visual, portanto, opera em múltiplos níveis: no micro, mobiliza emoções de

ódio; no meso, reforça os símbolos, a estética e a coesão da subcultura neonazista; e no macro, é expressão de tensões sociais como o racismo estrutural.

A Figura 2 constitui um enunciado visual que materializa a síntese entre a crença histórica nazista e a contemporaneidade do extremismo digital. Pela Metalinguística, a farda da SS, as máscaras de caveira, as armas e a suástica central não são meros elementos isolados, mas signos visuais ideológicos que se articulam para construir uma propaganda de poder, disciplina e terror. Os valores axiológicos se relacionam à glorificação da hierarquia e da violência organizada. Diferente da Figura 1, que enfatiza a aniquilação total, esta composição exalta a ordem militar, a obediência e a eficiência letal de uma organização coesa.

Pela Criminologia Cultural, essa propaganda de recrutamento é a expressão máxima da subcultura neonazista unida por uma estética da morte e uma performance de força. A dupla de soldados representa a formação de uma microestrutura paramilitar dentro da subcultura, em que signos de vestuário, gestos e armamentos são aprendidos e reproduzidos para demarcar pertencimento e diferença radical em relação à sociedade. A emoção constitutiva desse enunciado é dupla: para o exterior, projeta medo e intimidação, comunicando uma capacidade e disposição para a violência real. Para o interior da organização, no entanto, gera coesão, orgulho e uma sensação de empoderamento. Segurar uma arma e portar uma farda histórica são atos performativos que produzem uma identidade baseada no poder e na transgressão, ressignificando sentimentos de marginalização ou ódio em uma identidade de “soldado” de uma causa.

Considerando essa discussão, leia-se a seguir a Tabela 1:

Tabela 1. O radical que grava seu lugar na história

1	O resto do mundo está desabando sob nossos pés [...]. O sistema está começando a sofrer
2	as consequências de sua corrupção. O fracasso da democracia e do capitalismo deu lugar
3	às oligarquias judaicas e aos banqueiros globalistas, resultando no deslocamento cultural
4	e racial da raça branca. Não temos absolutamente nenhum espaço para moderados e
5	covardes. Desejamos apelar ao radical nessa luta, pois é o radical que grava seu lugar na
6	história. Não há nada que possa ser consertado em um sistema tão inerentemente falho; o
7	Nacional-Socialismo é a única solução para reconquistar o domínio sobre o que nos
8	pertence. O Ocidente não pode ser salvo, mas pode ser reconstruído e até mais forte sem
9	os fardos do passado.

Fonte: Divisão de Armas Nucleares, 2021

Pela abordagem da Metalinguística, o enunciado passa por processos de reflexão e refração que operam de modo entrelaçado na construção do sentido. A reflexão linguística apresenta, inicialmente, uma imagem de colapso universal através do verbo “desabando”, cujo significado literal evoca a queda, como a de instituições. A

preposição “sob” organiza espacialmente a oposição entre um “resto do mundo” em ruína e “nossos pés” como base estável. Contudo, na refração discursiva no contexto dessa subcultura extremista, “resto do mundo” é a rejeição dos membros da organização aos valores democráticos, à diversidade étnica e o projeto pluralista de civilização.

O mesmo movimento ocorre com o pronome “nossos”, cuja reflexão linguística indica posse ou pertencimento que se ressignifica na refração discursiva em marcador de identidade. A organização se afirma como núcleo de pureza e estabilidade diante da decadência do exterior. O verbo “desabando”, por sua vez, adquire dimensão temporal e política: não representa um evento natural ou futuro, mas um processo em curso que a própria organização diagnostica e procura acelerar, convertendo a ideia física de colapso em projeto de destruição da ordem vigente. Assim, o enunciado se constitui em uma tensão dialógica permanente com o mundo que nega, instaurando uma visão de mundo em que a sociedade é simultaneamente interlocutor e alvo. Essa refração discursiva eleva a organização à condição de bastião moral, enquanto rebaixa o outro como essencialmente corrupto e degenerado.

Pela abordagem da Criminologia Cultural, esse mesmo enunciado manifesta o funcionamento emocional e simbólico da subcultura extremista. A imagem do “mundo desabando” é reinterpretada como impulso afetivo para o engajamento militante: emoções de desprezo, ressentimento e superioridade moral ressignificam-se em laços identitários e justificativas para a agressão. A subcultura transforma o sentimento de crise civilizacional em discurso de redenção, na qual a violência aparece como reação necessária ao “colapso” do sistema. O signo “sistema”, que na reflexão linguística designa um conjunto de instituições, sofre refração discursiva, passando a representar uma entidade personificada e maligna que encarna tudo o que a organização repudia – o Estado, os direitos humanos, a mídia e a diversidade cultural. Ao atribuir agência moral a esse “sistema corrupto”, o discurso personifica o inimigo e prepara o terreno para a violência legitimada como justiça histórica.

Essa crença se repete em “começando a sofrer as consequências”, pois cria um tempo messiânico de transição: a organização se coloca como vanguarda do colapso, simultaneamente observador e executor do castigo. O signo “corrupção” é refratado como marca moral da modernidade. O prazer emocional derivado da ideia de que “os corruptos sofrem as consequências” é um tipo de catarse: a destruição do outro é experimentada como reparação moral e estética, reforçando o pertencimento grupal. Essa performance de celebração da crise é um rito de solidariedade subcultural, em que



apenas os “iniciados” compreendem o colapso como redenção e se reconhecem mutuamente como parte da vanguarda “iluminada”.

A afirmação “Não temos absolutamente nenhum espaço para moderados e covardes” aprofunda essa interpretação. No plano metalinguístico, os signos “moderados” e “covardes” sofrem refração para se tornarem marcadores de impureza interna. No plano criminológico da cultura, essa rejeição é um ritual de coesão: define a organização não só pelo que afirma, mas sobretudo pelo que nega. Ao eliminar a ambiguidade, a subcultura consolida um “nós” coeso, hierarquizado e militante. A invocação ao “radical” desloca o foco do conteúdo para a performance – ser radical passa a ser prova de lealdade, coragem e autenticidade. O “radical” é erigido como arquétipo heroico, figura emocionalmente sedutora que oferece ao sujeito a chance de transcender a marginalidade e inscrever-se na “história” – outro signo refratado, convertido em mito épico de imortalidade simbólica.

O fechamento se completa no enunciado “O Nacional-Socialismo é a única solução”, em que o signo “solução” tem uma reflexão linguística que sugere uma resposta e sofre refração discursiva: ressignifica-se em dogma, axioma totalitário e profecia de purificação. O “Nacional-Socialismo” se torna um mito redentor, dissociado do genocídio e do fracasso histórico do nazismo. Pela Metalinguística, a refração discursiva transforma um projeto de morte em projeto de renascimento, enquanto, pela Criminologia Cultural, identifica nessa operação o fundamento afetivo e simbólico da subcultura neonazista: em um mundo percebido como caótico e fragmentado, o dogma oferece certeza, sentido e identidade heroica.

Resumindo, com amparo na Metalinguística, percebe-se que os signos do nazismo – a suástica, a farda, a bomba nuclear e a figura do “soldado” – reencenam, em novos contextos discursivos, a luta entre pureza e degenerescência, instaurando um diálogo hierárquico entre “nós” e “eles”. Com respaldo na Criminologia Cultural, esses mesmos signos mobilizam afetos e emoções que consolidam a identidade coletiva e a legitimação da violência como prática regeneradora. Observa-se, assim, que nesse universo de avaliações e sentidos, a organização preconiza e legitima a aceleração do colapso civilizacional, transformando o discurso de destruição em ideal redentor. Desse modo, os valores axiológicos produzidos nas postagens revelam uma posição subcultural fundada na estética da destruição, na purificação simbólica e na sacralização da radicalidade como forma de existência e expressão política.

## CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo analisar três postagens publicadas na página oficial da organização neonazista Divisão de Armas Nucleares, a fim de compreender como cada enunciado, verbal e visual, produz avaliações sociais e sentidos que fortalecem a coesão interna e o pertencimento subcultural. As postagens analisadas demonstram que os enunciados da Divisão de Armas Nucleares cumprem uma função social de estabelecer coesão interna e pertencimento subcultural entre os membros da organização ao ressignificarem a violência como dever moral e a destruição do outro como missão heroica.

Do ponto de vista teórico, a Metalinguística permitiu compreender as propagandas de recrutamento e o manifesto como enunciados em constante processo de reflexão e refração, no qual cada palavra e imagem ultrapassa o plano da comunicação para tornar-se veículo de valor, sentido e visão de mundo. Signos como “sistema”, “radical” e “Nacional-Socialismo”, assim como signos visuais – a suástica, a bomba nuclear e a máscara de caveira – demonstram a refração de um discurso de poder e pureza racial que é reatualizado nessa subcultura. Já a Criminologia Cultural possibilitou interpretar esses sentidos como performances afetivas que ressignificam ressentimento, medo e frustração em pertencimento, heroísmo e desejo de vingança, expressando relações que legitimam a violência.

Metodologicamente, essa abordagem interdisciplinar mostrou-se essencial para apreender os valores axiológicos em circulação. Dessa maneira, a análise demonstrou que a Divisão de Armas Nucleares opera, discursivamente, como uma subcultura, em que a radicalidade, o ódio e a pureza são ressignificados em signos de poder. Assim, cada enunciado extremista passa a funcionar como ato performativo que organiza o campo da subcultura, fornecendo aos membros um repertório de crenças, emoções e condutas legitimadas pela ideia de missão histórica.

Como desdobramento futuro, torna-se pertinente investigar a ramificação brasileira dessa organização, observando como os signos e discursos da Divisão de Armas Nucleares são apropriados e ressignificados. Essa ampliação poderá elucidar como o discurso extremista estrangeiro se adapta às tensões socioculturais brasileiras, articulando racismo, masculinidade violenta e ressentimento político. Além disso, a continuidade desta pesquisa pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, especialmente na prevenção da radicalização juvenil no campo digital.

Em síntese, o estudo evidenciou que o discurso neonazista analisado reflete uma ideologia aceleracionista e produz sentidos, valores e afetos que estruturam um modo específico de estar no mundo. A subcultura de terror neonazista, ao refratar o passado em forma de mito político e emoção compartilhada, reafirma-se como território simbólico pelo qual o crime adquire significação política e moral.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- FRANÇA, Inácio. As ameaças a Jones Manoel via e-mails de órgãos públicos. **Nexo**, 24 out. 2025. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/externo/2025/10/24/jones-manoel-sofre-ameaca-e-mail-orgaos-publicos>. Acesso em: 6 nov. 2025.
- HELLGREN, Mike. Neo-Nazi gets maximum sentence in terror plot to destroy Maryland's power grid. **CBS News**, 7 ago. 2025. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/baltimore/news/neo-nazi-maryland-power-grid-sentenced-brandon-russell/>. Acesso em: 6 nov. 2025.
- KHALED JR., Salah; DIMOU, Eleni. Da criminologia crítica à criminologia cultural: explorando novas avenidas de investigação para o desenvolvimento da criminologia crítica brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, n. 193, p. 67–107, 2022. Disponível em: <https://www.publicacoes.ibccrim.org.br/index.php/RBCCRIM/article/view/200>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- KHALED JR., Salah; LINCK, José Antônio Gerzon; CARVALHO, Salo de. A criminologia cultural e a sua recepção no Brasil: relato parcial de uma história por ser escrita. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v. 193, n. 193, p. 145–186, 2022. Disponível em: <https://www.publicacoes.ibccrim.org.br/index.php/RBCCRIM/article/view/223>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- ROCHA, Álvaro Oxley da. Crime e controle da criminalidade no Brasil: as contribuições da criminologia cultural ao debate. **Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 15, n. 2, p. 121–136, 2013. Disponível em: [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11221/2/Crime\\_e\\_controle\\_da\\_criminalidade\\_no\\_Brasil\\_as\\_contribicoes\\_da\\_Criminologia\\_Cultural\\_ao\\_debate.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11221/2/Crime_e_controle_da_criminalidade_no_Brasil_as_contribicoes_da_Criminologia_Cultural_ao_debate.pdf). Acesso em: 1 nov. 2025.



ROCHA, Álvaro Oxley da; SILVA, Simone Schuck. da. A dinâmica emocional do desvio: uma análise em criminologia cultural. **Revista do CEJUR/TJSC**, v. 1, n. 2, p. 265–283, 2014. Disponível em:

[https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11225/2/A\\_Dinamica\\_Emocional\\_do\\_Desvio\\_uma\\_analise\\_em\\_criminologia\\_cultural.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11225/2/A_Dinamica_Emocional_do_Desvio_uma_analise_em_criminologia_cultural.pdf). Acesso em: 1 nov. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. **Racismo, segregação e morte**: análise dialógica do discurso das organizações Ku Klux Klan e White Lives Matter em mídias digitais. 2023a. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2023a. Disponível em:

<https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/3d820364b0f22760876025fab7fa0cae.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. No submundo do terror e da conspiração no Telegram: a construção estilística do discurso de membros-integrantes da organização Dogolachan. **Revista Heterotópica**, v. 5, n. 1, 2023b. DOI:

<https://doi.org/10.14393/HTP-v5n1-2023-68020>. Disponível em:  
<https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/68020>. Acesso em: 17 dez. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. Exposição de dados íntimos para a humilhação: uma abordagem dialógico-discursiva para um comentário do subfórum /55chan/, do EndChan. **Diálogo das Letras**, v. 13, 2024a. DOI:

<https://doi.org/10.22297/2316-17952024v13e02422>. Disponível em:  
<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/6102>. Acesso em: 17 dez. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. Liberdade de expressão e mídias digitais: desafios da democracia brasileira ante a atividade discursiva de neonazistas. In: MACHADO, Gabriella Eldereti. (Org.). **Estudos da linguagem**: abordagens críticas. 1. ed. Santa Maria: Arco Editores, 2024b, p. 7-20.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. O renascimento do Dogolachan na Deep Web: apologia e incentivo ao estupro e ao terrorismo em comentários pelo viés da Análise Dialógica do Discurso e da Criminologia Cultural. **Linha D'Água**, USP, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 424-444, 2025. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v38i2p424-444>. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/234187>. Acesso em: 17 dez. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes; NASCIMENTO, Silvana Schwab do. A saudação de gaúchos para o neonazismo: o projeto de dominação da organização União Nacional Sulista. **Revista do GELNE**, Natal, v. 25, p. 1-15, 2023. DOI:

<https://doi.org/10.21680/1517-7874.2023v25n1ID30842>. Disponível em:  
<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/30842>. Acesso em: 17 dez. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes; ROSA, Kelli Rosa da. Signos de ódio, terror e crueldade: o horizonte ideológico de uma organização (neo)cristonazifascista. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 3, p. 610-623, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.40696>. Disponível em:  
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/40696>. Acesso em: 17 dez. 2025.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes; ROSA, Kelli Rosa da. Em nome de uma guerra racial total: o estilo discursivo da organização Ku Klux Klan no campo das mídias digitais. **Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação**, Natal, v. 23, p. 1-23, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21680/1984-3879.2023v23n2ID31826>.

Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/31826?articlesBySimilarityPage=11>.

Acesso em: 17 dez. 2025.

OPERAÇÃO Accelerare III prende sete lideranças de grupos nazistas aceleracionistas.

**Polícia Civil do Estado do Rio Grande do Sul**, 14 nov. 2023. Disponível em:

<https://www.pc.rs.gov.br/operacao-accelerare-iii-prende-sete-liderancas-de-grupos-nazistas-aceleracionistas>. Acesso em: 8 nov. 2025.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

*Submetido em: 09/11/2025*

*Aceito em: 16/12/2025*

---

<sup>1</sup> Diante dos ataques sofridos em 20 de agosto, a equipe jurídica do ativista provocou o Ministério Público Federal (MPF) para que acionasse a Polícia Federal (PF). Contudo, o MPF declinou de sua competência, remetendo o caso ao Ministério Público do Estado de Rondônia (MP-RO), sob o argumento de que a jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça (STJ) firmara entendimento segundo o qual a apuração deveria ocorrer no foro de origem das ameaças. Em outras palavras, o MPF entendeu não possuir competência para acompanhar os atos processuais, atribuindo à Justiça Estadual o processamento e julgamento, e à Polícia Civil a abertura de inquérito. Todavia, a Lei nº 13.260/2016 – que dispõe sobre o terrorismo – estabelece em seu art. 11 que compete à Justiça Federal processar e julgar tais delitos, bem como à Polícia Federal instaurar o respectivo inquérito, uma vez que o terrorismo constitui ofensa a bens e interesses da União. Assim, tratando-se de uma ramificação brasileira de uma organização terrorista internacional, é juridicamente equivocado presumir a competência estadual para investigação e persecução penal.

<sup>2</sup> O aceleracionismo (do inglês *accelerationism*) é uma ideologia extremista que propõe intensificar deliberadamente o colapso das estruturas democráticas, econômicas e sociais, acreditando que apenas o caos resultante permitiria o surgimento de uma nova ordem racial e autoritária. No campo da extrema direita, o aceleracionismo se funde ao neonazismo, defendendo a guerra civil, o terrorismo doméstico e o uso da violência como instrumentos purificadores e regeneradores da sociedade. Essa vertente inspira associações e organizações como a Divisão de Armas Nucleares (*Atomwaffen Division*), que se disseminou internacionalmente a partir dos Estados Unidos da América. No Brasil, a Polícia Civil do Rio Grande do Sul deflagrou, em 2023, a terceira fase da Operação Accelerare, conduzida pela Delegacia de Polícia de Combate à Intolerância (DPCI), com apoio do Ministério da Justiça, do Projeto I.M.P.U.L.S.E., de peritos do Instituto-Geral de Perícias (IGP) e da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN). A ação, resultado de sete meses de investigação, prendeu sete sujeitos e apreendeu um adolescente. Foram recolhidos materiais de exaltação ao Terceiro Reich, fardamento inspirado na SS, armas brancas e literatura fascista e neonazista. As análises periciais identificaram diversas associações extremistas, racistas e separatistas atuando em múltiplos estados brasileiros, evidenciando a ramificação nacional do ideário aceleracionista.

<sup>3</sup> É um equívoco comparar as relações dialógicas às relações interdiscursivas, pois estas últimas se limitam a descrever o modo como diferentes discursos se citam, se cruzam ou se influenciam mutuamente no

plano textual ou semântico. Já as relações dialógicas, conforme a concepção bakhtiniana, são ético-alteritárias, isto é, realizam-se entre sujeitos socialmente situados que se reconhecem, se confrontam e se respondem por meio do discurso. O dialógico, portanto, não designa necessariamente a interpenetração de discursos, e sim a presença viva do outro na palavra, na imagem, no som – uma dimensão ética da linguagem que reflete a própria filosofia da interação social em Bakhtin (2017). Nessa perspectiva, compreender o discurso implica compreender também a posição valorativa e a responsabilidade do sujeito diante do outro.

<sup>4</sup> Conforme Khaled Jr. e Dimou (2022), a criminologia administrativa expressa a ideologia penal dominante que se pauta em uma agenda de “lei e ordem” centrada na punição e no encarceramento em massa. Essa ideologia concebe o crime como disfunção a ser gerida por meio de técnicas de controle e neutralização do “infrator”, reduzindo a complexidade social à lógica da eficiência e da disciplina. Isso serve à manutenção do status quo e legitima políticas penais excludentes que priorizam os efeitos incapacitantes da prisão em detrimento da prevenção ou da reintegração social. Essa ideologia é amplificada pelo discurso midiático sensacionalista – sobretudo em jornais populares, programas policiais e redes sociais –, que converte o crime em espetáculo moral, fomenta pânico social e mobiliza afetos de medo e vingança. A circulação desses discursos consolida a crença de que o endurecimento penal e o aumento das penas são respostas adequadas à insegurança, enquanto oculta os níveis micro, meso e macro da criminalidade. Assim, o discurso penal dominante e sua criminologia de apoio produzem uma estética punitiva que naturaliza o sofrimento e transforma o cárcere em signo de justiça social.

<sup>5</sup> A seletividade penal designa o funcionamento desigual do sistema de justiça criminal que concentra o poder punitivo sobre grupos socialmente vulneráveis – sobretudo pobres, negros e periféricos –, enquanto preserva os setores privilegiados. Trata-se de um mecanismo estrutural, não acidental, que revela o caráter político do direito penal como instrumento de controle social e reprodução das desigualdades.